

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS

ÁREA: LÍNGUAS ARTES E LITERATURA

Moisés Ferreira de Oliveira

História da Aldeia Mata Medonha

Belo Horizonte

Abril de 2015

Moisés Ferreira de Oliveira

História da Aldeia Mata Medonha

Projeto de percurso acadêmico do
Curso de Formação Intercultural de
Educadores Indígenas (FIEI-FAE-
UFMG).

Área: Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Rodrigo
Ednilson de Jesus

Belo Horizonte
Abril de 2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Gilberto e Mamédia, meus irmãos, minha esposa Edilande, minhas filhas Ektxiamany e Nitxiuenã, a todos os meus parentes, em especial ao meu avô Álvaro Brito, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida. Aos amigos e colegas, pelo incentivo e apoio constante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por minha vida, minha família, e por ter mim dado saúde, sabedoria e força para superar as dificuldades.

Ao meu professor e orientador Rodrigo Ednilson, pelo incentivo, pela paciência e pelo empenho dedicado a elaboração deste trabalho.

Aos professores do FIEI, por terem participado da minha vida acadêmica.

A professora e coordenadora do FIEI, Maria Gorete, que sempre me cobrou e me incentivou durante o percurso.

Agradeço também à minha esposa, Edilande, que de forma especial e carinhosa, me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

As minhas filhas Ektxiamany e Nitxiuenã, que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de forma especial os meus pensamentos, me levando a buscar mais conhecimentos.

Agradeço aos meus pais, Gilberto e Mamédia, por terem acreditado em mim, pelo cuidado e dedicação.

Ao meu avô, Álvaro Brito, por ter sido a minha fonte inspiradora e também por me incentivar na minha formação acadêmica.

RESUMO

Este trabalho foi realizado através de pesquisas com os primeiros moradores da aldeia, que relatam como foi a fundação da Aldeia Mata Medonha e suas vivências naquela época em que tudo era difícil para eles. Apresento uma história de muito sofrimento do povo pataxó de Mata Medonha; histórias que foram contadas por anciões que já foram caciques e alguns são lideranças até hoje. Através de muitas conversas busquei compreender os relatos feitos com essas pessoas, onde eles contam suas histórias de muito sofrimento, como falta de acesso a saúde, educação, moradia, e como foi criada a primeira escola. Nesses relatos contam como foi fundada a Aldeia de Mata Medonha e quais foram as primeiras famílias a chegarem naquele local. Contam ainda de onde essas famílias saíram e o porquê elas foram embora do local de origem. Contam como foi à luta pela sobrevivência na época naquele local e o que eles encontraram nesse lugar que até então não era conhecido como Mata Medonha. Por fim, narram os momentos de fundação e demarcação da aldeia.

Palavras-chave: Aldeia Mata Medonha, Resistência indígena, História oral, Memória Indígena.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização da Aldeia Mata Medonha	13
Figura 2 - Mapa de localização da Aldeia Mata Medonha	13
Figura 3 - Índio Maninho preparando o solo para plantio de mandioca	16
Figura 4 - Antiga farinheira de Mata Medonha	17
Figura 5- Casa de taipa da família de Pedro Pacheco, 1997	19
Figura 6 - Jovens de Mata Medonha jogando bola	22
Figura 7 – Surú	26
Figura 8 – Jequiá	26
Figura 9 - Moradores de Mata Medonha esfolando um corço, para alimentação	28
Figura 10 - Índios de Mata Medonha pelando porco	29
Figura 11 - Documento de posse definitiva da terra indígena Pataxó Mata Medonha	32
Figura 12 - Índios marcando o limite de suas terras, 1993	33
Figura 13 - Imagem da primeira escola de Mata Medonha, 1996	35
Figura 14 - Professora Nancy dando aula na primeira escola de Mata Medonha, 1990	36
Figura 15 - Imagem dos alunos de Mata Medonha, 1997	37
Figura 16 - Segunda escola de Mata Medonha, construída no ano 2000	38
Figura 17- Terceira, e atual, escola de Mata Medonha, construída em 2008	39
Figura 18- Moradores de Mata Medonha abrindo estrada apenas com algumas ferramentas ...	42
Figura 19 - Moradores de Mata Medonha no trabalho coletivo da estrada	44
Figura 20 - Estrada alagada em época de enchente	45
Figura 21 - Festejo de Cosme e Damião em 2003, quando ainda não existia energia elétrica ..	48
Figura 22 - Casa de taipa de dona Mamédia	49
Figura 23 - Jantar coletivo à noite na casa de dona Dema	52

SUMÁRIO

Introdução.....	08
1- A história de Mata Medonha: o refúgio da família Brito	12
2- Fundação da aldeia Mata Medonha	20
3- Demarcação do território de Mata Medonha	31
4- A chegada da escola em Mata Medonha	34
5- Abertura da estrada	41
6- A chegada da energia	47
7- Conquistas, desafios e a “Retomada”	53
Referências bibliográficas	59

Introdução

O conteúdo deste trabalho é um resultado de uma pesquisa que realizei dentro e fora da aldeia Mata Medonha. Foram muitos dias de trabalho, onde foram discutidos diversos assuntos referentes ao processo de formação e a luta pelo território de Mata Medonha durante esses anos. A pesquisa foi um trabalho onde os mais velhos contaram a história da aldeia Mata Medonha, desde 1964 até os dias de hoje.

Foram entrevistados moradores que vivenciaram a história e a formação da aldeia. Nesta pesquisa, temos várias questões que abordam as lutas do povo Pataxó de Mata Medonha, para que tenhamos uma perspectiva bastante ampla do movimento indígena.

As pessoas que vivenciaram a história da aldeia desde o início são pessoas que ainda ajudam direta e indiretamente a comunidade a partir dos seus conhecimentos tradicionais. Estas histórias contadas pelos mais velhos nos ajudam a refletir sobre o sofrimento e os preconceitos de que nós, Pataxó, ainda somos vítimas, já que sabemos que houve e há um grande sofrimento sobre demarcação de terras do povo pataxó. Os cinquenta e um anos de existência da aldeia Mata Medonha, desde sua fundação em 1964, passando pela demarcação em 1988, refletem os grandes enfrentamentos e desafios que os anciões passaram. Como morador da aldeia, busco de alguma forma passar esse conhecimento de vivência dentro da aldeia desde criança até os dias de hoje, e realizar um sonho de saber a história do meu povo.

Este trabalho foi realizado através de pesquisas feitas com os primeiros moradores da aldeia, que relatam como foi a fundação da aldeia Mata Medonha e suas vivências naquela época em que tudo era difícil para eles. Apresento uma história de muito sofrimento do povo pataxó de Mata Medonha; histórias que foram contadas por anciões que já foram caciques, e alguns são lideranças até hoje. Através de muitas conversas busquei compreender os relatos feitos com essas pessoas, onde eles contam suas histórias de muito sofrimento, como falta de acesso a saúde, educação, moradia, e como foi criada a primeira escola. Nesses relatos contam como foi fundada a Aldeia de Mata Medonha e quais foram as primeiras famílias a chegarem naquele local. Contam ainda de onde essas famílias saíram e o por quê elas foram embora do local de origem. Contam como foi à luta pela sobrevivência na época naquele local e o que eles

encontraram nesse lugar que até então não era conhecido como Mata Medonha. Por fim, narram os momentos de fundação e demarcação da aldeia.

A aldeia indígena Pataxó Mata Medonha está localizada às margens do rio do Sul e rio do Norte que deságua no rio Santo Antonio, no município de Santa Cruz de Cabrália, Extremo Sul da Bahia, distante doze quilômetros do povoado de Santo Antônio. A aldeia conta com uma população atual de sessenta e três famílias, o que representa cerca de quatrocentas e cinquenta pessoas. A aldeia é afastada do comércio, e muitos indígenas da aldeia ainda vivem da caça, da pesca e agricultura. Há na aldeia muitas matas nativas e animais silvestres como capivara, onça, macaco, veado, caititu, paca, tamanduá, entre outros, utilizados pelo povo como meio de sobrevivência.

Vendo a necessidade do povo Pataxó de Mata Medonha e também conhecendo a necessidade da aldeia de um histórico das suas grandes conquistas e dos seus sofrimentos, resolvi fazer este trabalho com a esperança de ajudar meu povo, porque até então ainda não tínhamos oportunidade de fazer esses registros. Relatar e registrar essas histórias são um meio de contribuir para a comunidade atual, que vive um pouco melhor nos dias de hoje, para que eles tomem conhecimento da grande resistência e lutas dos mais velhos no passado. Espera-se que esse trabalho possa funcionar como uma referência para outros moradores. Além disso, espera-se contribuir para divulgar essa história contada por nossos anciões que tem uma grande importância para os dias de hoje.

Minha expectativa é que o registro dessas histórias esteja não só em nossas memórias, mas também em livros didáticos que possam ser trabalhados dentro e fora da escola indígena. Isso ajudará a ensinar nossas crianças e jovens que o que temos hoje, mas não tínhamos antes, foi conquistado através de muita luta. Mostrar também que por trás do que temos hoje ainda existe uma grande cicatriz, ou até mesmo uma ferida, que ainda não foi curada. O registro servirá para que nosso povo não se esqueça das lutas dos nossos anciões e para podermos ter esse exemplo nas nossas vidas e nas das futuras gerações. Com essas histórias buscamos a cada dia aprender um pouco mais, guardando em nossas memórias os ensinamentos, e contribuindo para o fortalecimento cultural do povo pataxó de Mata Medonha.

Este trabalho foi feito por meio de pesquisas de documentos e fotos e também por meio de entrevistas com os anciões. Para isto fui na casa das pessoas entrevista-las,

primeiramente conversando com eles, explicando o motivo desse trabalho e depois perguntando como era a vivência deles. Em alguns casos enfrentei resistências: alguns tinham um pouco de receio em falar do sofrimento que viveram; outros se emocionavam ao lembrar de muitas coisas boas e ruins que eles passaram; outros ainda se admiraram pois até então não houve alguém sequer a se interessar pela sua história de luta e de conquistas.

Este trabalho será organizado em seis capítulos, onde apresentaremos a história da aldeia Mata Medonha nos referenciando em marcos importantes para a comunidade: capítulo 1 - A história de Mata Medonha: o refúgio da família Brito; capítulo 2 – A fundação da aldeia; capítulo 3 – A demarcação; capítulo 4- criação da escola; capítulo 5 - abertura da estrada e capítulo 6 - A chegada da energia.

Em cada um destes capítulos, teremos um entrevistado que, tendo vivido naquele período, guarda memórias e histórias da época. Para a construção das narrativas optamos por sermos fiéis às narrativas dos entrevistados, as transformando no principal material que irá contar a história da Aldeia Mata Medonha. Minha intervenção, como co-autor deste trabalho, será apenas de apresentar os entrevistados e contextualizar as narrativas com o uso de notas de rodapé ou pequenos trechos de texto.

Neste trabalho, através da colaboração de pessoas da aldeia, pude trazer informações, que até então jamais foram registradas por alguém, desde a fundação da aldeia até o dia atual. Pessoas que guardaram essas informações para que pudesse um dia ser útil, contar suas histórias e publica-la também, pois a luta foi grande e um imenso sofrimento. Com o passar do tempo, a dor ficou marcada como símbolo de muitas batalhas já enfrentadas. Muitos têm certeza que remédio algum jamais curará esta dor, apenas a aliviaria ao ver que seu sofrimento no passado hoje é reconhecido pelos seus filhos e netos.

O conjunto de relatos mostra como o Povo Pataxó de Mata Medonha foi resistente, não desistiu de suas lutas para adquirir uma melhoria para sua aldeia. Por meio dessas histórias, buscamos aprender como era a vivência dos nossos anciões na época da fundação da aldeia e o que mudou até hoje.

Foi com muito prazer que mergulhei nessa história para que hoje pudesse ajudar de alguma forma a minha aldeia, já que nossos anciões são uma “biblioteca viva”, que guarda histórias antigas, as que só tem acesso pessoas que, de alguma forma, faz parte dela.

Capítulo 1

A história de Mata Medonha: o refugio da família Brito

A aldeia Mata Medonha foi fundada pela família Brito, refugiada da aldeia Barra Velha no ano de 1951. Álvaro Brito de Oliveira, 79 anos de idade completados em 2015 e pai de 13 filhos, foi um dos fundadores e um dos primeiros moradores de Mata Medonha. Álvaro Brito foi cacique durante seis anos e hoje é uma liderança e pajé da aldeia. É uma pessoa que lutou e ainda luta em busca do melhor para sua comunidade, sendo muito respeitado por todos. Álvaro Brito sofreu muito para defender o território de Mata Medonha e continua sofrendo, já que nem todo o território foi demarcado. Atualmente é um dos mais idosos da aldeia.

Ao ser perguntado sobre a história de Mata Medonha, o Sr. Álvaro responde:

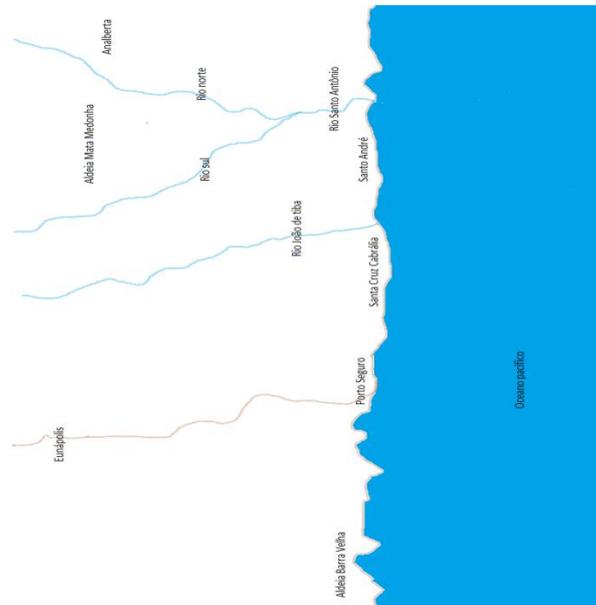
(...) Completou 51 anos que nós viemos de lá para aqui, que estamos aqui dentro, nós morávamos encostadinho de Barra Velha, entre Boca da Mata e Barra Velha. O nosso era ali Boca da Mata e Barra Velha. Nesse tempo não era Boca da Mata. Era do estado. O meu pai tinha roça lá, nós tínhamos tudo lá dentro. E daí, fomos para Barra Velha e de Barra Velha para Corumbau. Nós vínhamos pegar piaba na praia de Corumbau, pra lá e pra cá, ali por perto.

Nós saímos de Barra Velha da vez que veio três homens para ajudar os índios em Barra Velha. Quando chegaram lá mandou matar vaca pra nós comermos e nós comemos e porco também. Nós tínhamos criação de porcos, e com três dias eles convidaram pra ir pra Corumbau, pra invadir a loja de Tiodomiro, que ele tinha uma loja que vendia tecido. Aí chamou a turma para ir pra Corumbau e papai e mamãe falou: Bila,¹ nós não vamos lá não, por que isso vai dar uma guerra, nós não vamos não. E o pessoal foi pra corumbau. Chegando lá pegaram o dono da loja, amarraram e invadiram a loja, pegaram tudo de tecido e carregaram. Aí nós viemos pra Caraiva e mamãe falou: Bila, nós vamos sair daqui, não vamos ficar aqui não. Saímos de lá porque mamãe quis sair.

¹ Apelido de Anastácio, pai de Álvaro Brito.

Figura 2

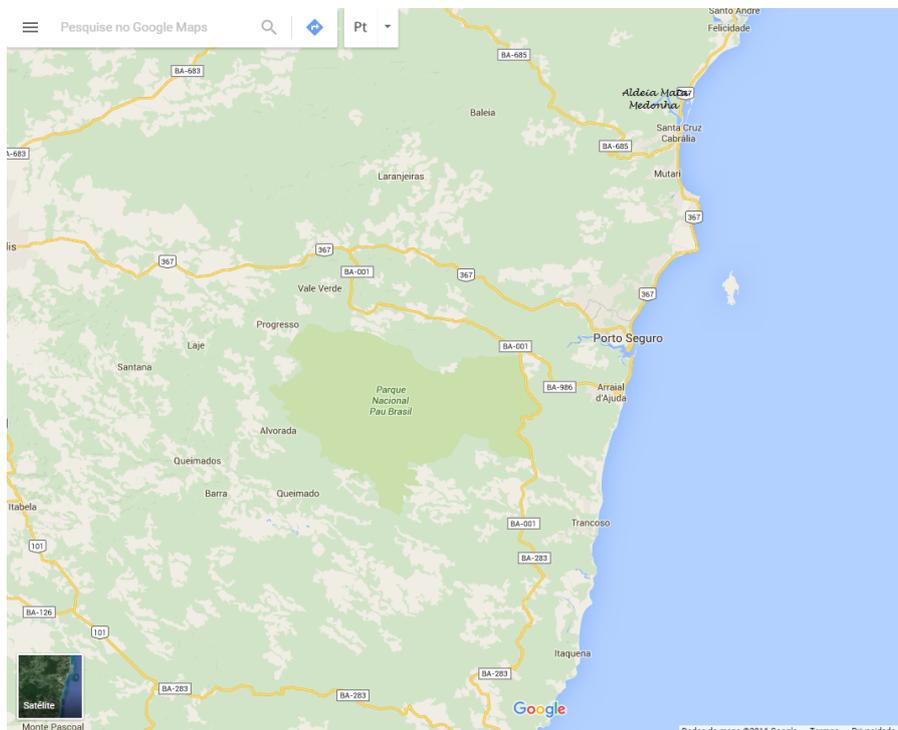
Mapa de localização da Aldeia Mata Medonha



Fonte: Autor.

Figura 2

Mapa de localização da Aldeia Mata Medonha



Fonte: Google Maps. <https://www.google.com.br/maps/@-16.4682543,-39.136876,11z>

Aí mamãe arrumou as coisas nas carreiras, pegou os sacos de trem e viemos pra Caraiva². Quando chegamos a Caraiva tinha o finado Zé Graciano³ que tinha um sítio no rio de Juacema⁴. Aí meu pai falou com ele o que estava acontecendo. Então ele disse: ah, eu tenho um sítio aqui no rio de Juacema, se você quiser ir pra lá tenho uma casinha velha. Você fica por lá e toma conta do que é meu. Nós viemos para rio de Juacema e ficamos morando por alguns anos.

Quando estava acontecendo esse massacre, nós já estávamos em Juacema ainda, e era até perto da praia. Aí nós olhávamos e só via o pessoal passando. Aí mamãe falou: Bila estão indo um monte de homens, tudo com espingarda nas costas, e então eram a polícia que foram pra Barra Velha. Quando chegaram em Barra Velha, por lado de cá, eles deram um tiroteio e mataram muitos índios lá. Até a igreja de Nossa Senhora da Conceição eles quebraram tudo. Os índios que conseguiram viver, se esparramaram, um para um canto, outros pra outro. Foi uma coisa muito seria que aconteceu. Mataram muitos índios. Aí nisso foi justamente a nossa vinda pra cá e estamos aqui até hoje.

Quando já estávamos morando em juacema, meus irmãos seguiram em frente, e veio parar aqui no Guaiú⁵ e eles começaram a trabalhar aqui. Depois de quatorze anos trabalhando no Guaiú, meus irmãos Maninho e Antonio Brito acharam um lugar que era de uma senhora que se chamava Analberta e eles voltaram para Juacema e disse para papai que tinha encontrado um lugar que era muito bom pra nós morarmos. Como nós já queríamos sair mesmo, papai vendeu a terra de lá e comprou esse lugar. Foi dessa vez que viemos morar aqui. Meu pai comprou essa terra, que chamava Analberta naquela época, por trezentos mirréis.

Gastamos oito dias de Juacema até aqui em Mata Medonha. Foram oito dias viajando pela beira da praia e pela linha telegráfica. Vínhamos parando. Nós viemos de Juacema, ficamos em Trancoso e dormimos lá. No outro dia, para Arraial D'ajuda, daí nós viemos e dormimos em Santo Antônio. Na véspera, do dia dois de fevereiro, nós pegamos a canoa do finado Lutero⁶. Era uma canoa grande. Colocamos toda a mercadoria e subimos rio acima sem conhecer nada. Enfrentamos o rio fundo com a

² Povoado próximo de Barra Velha.

³ Amigo de Anastácio.

⁴ Lugar próximo a Caraiva.

⁵ Povoado de Santa Cruz Cabrália.

⁶ Morador de Santo Antônio na época

correnteza forte. Os animais, deixamos tudo na manga⁷ de um rapaz no Santo Antonio, por que até então não existia estrada. Viemos de canoa e depois fomos buscar os animais. Eram oito animais que veio junto com a nossa bagagem⁸.

Perguntado sobre a chegada em Analberta e o que encontraram, o Sr. Álvaro responde:

A nossa chegada foi em 1964. Encontramos muitos posseiros aqui e quase tivemos problemas com eles. A nossa família era grande, éramos oito irmãos, Antonio Brito de Oliveira, Álvaro Brito de Oliveira, Maria de Lourdes Brito de Oliveira, João Brito de Oliveira, Jose Brito de Oliveira, Alda Brito de Oliveira, Rafael Brito de Oliveira e o meu pai que se chamava Anastácio Brito de Oliveira, que veio já de idade, e Clarice Maria da Conceição⁹.

Quando chegamos na Analberta, que era o nome da dona da terra e também o nome do lugar, do outro lado do rio, que era um lugar isolado, foi também onde surgiu a aldeia. E nós fomos continuando, porque não tinha estrada aqui, só tinha um capoeirão. Quando terminava o capoeirão entrava na mata.

Mesmo com essas dificuldades já tinha muitos posseiros ao redor. Depois que chegamos, eles começaram a crescer o olho, mas essas pessoas depois começaram a sair tudo - os fazendeiros começaram a comprar as terras - e nós ficamos.

Um dia apareceu um cara querendo comprar a terra, e eu disse que não vendia. Ele insistiu, e eu não vendi. Ele veio três vezes para eu vender e eu disse: aqui eu não vendo, por que foi meu pai quem comprou e estamos morando aqui. Aí ele falou: _ se você não me vender vou pegar seus trens e jogar tudo no terreiro! Eu falei: _ Ó, se você jogar as minhas coisas no terreiro, vou pegar a minha espingarda e vou te derrubar no terreiro também. Ele foi- se embora e nunca mais retornou.

Desde que chegamos aqui em Analberta, hoje chamado de Mata Medonha, nós plantávamos mandioca, vendíamos cana e banana para comprar as outras coisas, como o

⁷ Pastagem onde os animais se alimentam

⁸ A família Brito, havia treze anos que viviam em Juacema. Viviam por lá de 1951 até o ano de 1964, quando resolveram vim para tentar a vida nesse lugar isolado, que hoje é conhecido como Mata Medonha. Pois, talvez se não fossem eles, hoje Mata Medonha não existisse. Pois eles foram as primeiras famílias a entrarem nesse lugar, antes era conhecido como Analberta.

⁹ Mãe de Álvaro Brito

café e o sal. Aqui peixe e a caça tinham com fartura, e papai comprou uns leitões e criamos muitos porcos. Então sobre alimentação, não faltou.

Figura 3

Índio Maninho preparando o solo para plantio de mandioca, 1990.



Fonte: Acervo particular de Dona Isabel (Bezinha)

Figura 4

Antiga farinha de Mata Medonha, 1996.



Fonte: Acervo particular de Nancyr Pereira

Nós andávamos de canoa no cabo do remo. Quando não era no cabo do remo nós fazíamos farinha e carregava nas costas do jegue pra levar para Santo Antonio e Guaiú. Nós tínhamos de tudo, de mandioca, cana, banana. Foi uma roça bem grande que fizemos. Quando meu pai faleceu foi um abalo para nós, pois ficamos muito desorientados. Ele deixou um pouco de dinheiro pra eu levar minha mãe pra Canavieiras¹⁰ para aposentar e ajudar a sustentar a gente.

O meu pai foi o fundador de Mata Medonha, porque se ele não tivesse essa ideia com certeza Mata Medonha não existiria. Quando meu pai faleceu, carregamos de canoa para Santo Antonio e mamãe também foi de canoa, porque não tinha estrada. Quando não era na canoa era na rede, pegava um varão e amarrava, colocava o doente dentro pra poder ir para o Santo Antonio e pegar um transporte e ir até o hospital. Foi difícil aqui sobre a saída da aldeia, passamos dificuldades. Quando papai morreu, foi um grande

¹⁰ Um município que fica no estado da Bahia

abalo pra mim e meus irmãos, e não espalhou ninguém pra canto nenhum. Ficamos todo mundo juntos, aqui.

Perguntado sobre quando começou a organização da aldeia, o Sr. Álvaro responde:

A organização como aldeia começou em 1986, depois que chegou outras famílias de Barra Velha, principalmente a família de Antonio Maximo ¹¹, os seus filhos Josué, Orlim e Ananias, que conheceu o finado Manoel Pacheco em Coroa Vermelha e disse que conhecia esse lugar e que já morava naquele local, onde moravam também outros índios. Depois da chegada dessas pessoas, reunimos para se organizar e ver quem poderia ser o cacique da aldeia, por que até então nós vivíamos praticamente isolados, não tínhamos acesso a FUNAI ou a nenhum órgão que pertencia ao governo. O primeiro cacique fui eu e Ananias (Baiara). Ele era o cacique e eu, o vice. Depois de alguns tempos Baiara saiu e deixou algumas coisas encaminhadas, e eu fiquei trabalhando. Trabalhei de cacique por seis anos, e como a terra que a gente morava era pequena, e com a chegada dessas famílias, tínhamos que ocupar outros lugares. Então o pessoal de Antonio Maximo veio para o outro lado do rio, pois Mata Medonha era até perto de Ponto Central. Como havia poucas famílias de índios, não tinha como ocupar todos esses espaços. Aí ficamos; só tinha uma estradinha e o rio. Não tinha nada aqui.

Depois de muitos anos vieram duas equipes de Brasília. Vieram olhar, porque disseram que tinha índios morando praticamente isolados naquela região, porque não tinham onde morar. Vieram fazer o estudo da terra e descobriram que uma parte da terra não tinha dono. Era terra de vóluto. Não havia bem feitoria, nome de fazendeiro, nada. Só era mata e capoeirão. Depois veio outra equipe, acabar de justificar. Veio, justificou, não viram nada também.

¹¹ Ancião que ajudou lutar pela terra de Mata Medonha

Figura 5

Casa de taipa da família de Pedro Pacheco, 1997



Fonte: Acervo particular de Maria Eunice (Dona Dema)

Recebemos uma ordem de Brasília, dizendo que nós pudéssemos entrar na outra parte da terra. Então, com o nosso pessoal de Barra Velha, o povo de Josuel, Orlim. Aí, viemos ali para o outro lado do rio. Depois que chegou essa ordem, nós atravessamos para cá. Viemos fazer casa desse lado. Aí fomos entrando devagarzinho; foram chegando mais parentes que vieram de Barra Velha. Aí foi juntando, juntando, com base de trinta dias os engenheiros vieram medir aqui. Mediram, titularam e registraram. Mas, lembrando que, na época que demarcou a aldeia, ficou uma parte da terra sem demarcar por causa do fazendeiro, que ficava próximo a aldeia. Ele sabia que a terra ia ser demarcada, mas como ele dizia ser o dono dessa parte da terra que ficaram sem demarcar, pegou alguns índios e colocou para trabalhar para ele. Fez isto para não ter conflito de índio com índio por causa do trabalho, pois se demarcasse essa terra alguns índios perderiam seus empregos e iria gerar conflitos. Então as lideranças acharam melhor deixar de lado.

Capítulo 2

Fundação da aldeia Mata Medonha

Ananias, mais conhecido como Baiara chegou para Mata Medonha em 1986. Filho de Antonio Máximo e dona Isaura, foi o primeiro cacique da aldeia e um dos grandes guerreiros que ajudou na demarcação do nosso território pataxó. Atualmente é cacique da aldeia Pequi, em Cumuruxatiba, município de Prado- Bahia.

Ao ser perguntado sobre as dificuldades encontradas na aldeia Mata Medonha na época de sua chegada, o Sr. Ananias responde:

(...) Quando eu cheguei para Mata Medonha, mais Josué e Orlim; era feio, feio, feio que só coragem pra gente, porque nós atravessávamos por um brejo rasgando marimbú¹², pra sair lá fora por cima de umas varinhas de brejo adentro. Se escapulisse ali, o cara ia até o pescoço, ali por Ozino¹³.

Rapaz; chegou uma época, quando nós estávamos lá, a notícia em Coroa Vermelha correu: é, os meninos estão na ilha dos bichos. E era mesmo! Vivíamos em um total abandono. Viramos bicho da mata por não ter acesso a nada.

E aí nós chegamos pra lá, e fomos acolhendo e conversando. Eu mesmo saí de casa em casa conversando. Logo, quem nos acolheu foi Domingo¹⁴. Foi na casinha dele. Ele era viúvo, tinha aquele Tuca,¹⁵ que estava ofendido de cobra havia uma semana. Aí nós chegamos e fomos dormir na sala, e Tuca estava bem pequeno, menino, e ele não chorava, ele gritava era dia e noite. Dentro de três a quatro dias depois, eu falei para Domingo: o que esse menino tem? Ele falou: Ah, Chico! (desde o início, ele começou chamar nós de Chico). Era eu, Orlim, Josué, tudo era Chico. Não te conto a história! Foi o que rapaz? É rapaz, a cobra mordeu meu filho. Está aí! Eu só estou esperando ele morrer para eu ir embora. Ele já tinha passado por tanto sofrimento e sua esposa tinha acabado de morrer de parto naquele lugar isolado. E eu disse: Rapaz, não fala isso, cara! Porque você fala isso? É porque eu não tenho conhecimento nenhum. Não sei pra onde

¹² Espécie de capim que é utilizado para cobrir casas, muito usados pelos índios esse capim tem bastante em brejos onde é lugar que tem muita lama.

¹³ Morador antigo que existia na época antes de Mata Medonha se torna aldeia.

¹⁴ Apelido de Álvaro Brito.

¹⁵ Filho de Álvaro Brito.

eu levo meu filho. Eu falei não, não pode ser assim! (...) E como a gente chegou de cá pra lá, foi conhecendo Mandoca,¹⁶ e ele tinha um barquinho. Outro rapaz que se chamava Lui tinha uma canoa pequena e eu falei: Orlim, nós vamos pegar esse menino e levar pra Coroa Vermelha, lá nós entrega a Itambé¹⁷, e ele leva pra Porto Seguro, e coloca no hospital. Rapaz, quando eu falei assim, ele faltou joelhar nos meus pés.

No dia seguinte, Orlim desceu com esse menino na canoa. Aí desceu Tuca, Orlim e a velha que era mãe de Domingo. E domingo falou: você vai de canoa que eu vou por terra, que eu te espero lá no Santo Antonio e Orlim desceu. É por isso que é bom a gente ter conhecimento dentro da população, porque eu reconheci um oficial de justiça desde Barra Velha, conhecido como Zé Mamão, era o oficial de justiça de Porto Seguro. Andava por Caraíva, andava por Barra Velha. Nós tomávamos pinga juntos. Como de sorte, no dia que ele desceu pra trazer Tuca para Itambé, chegando em Santo Antonio encontrou esse cara. Aí conversando, Orlim falou com ele o que estava acontecendo. Ah, não! Que nada, não precisa passar por Itambé, eu vou levar ele direto para o hospital. Domingo já estava junto. Você que é o acompanhante dele? Então, vamos. Trouxe direto para o hospital de Porto Seguro.

Naquilo ali, ele foi acolhendo a gente e disse: é meninos, foi Deus quem mandou vocês pra cá! Do jeito que eu vivo aqui, só estava esperando ele morrer, pra poder sair. Que nada! Vamos trabalhar, vamos fazer as coisas, vamos unir. Aí eu chamava Lurdes, Tazinha¹⁸, Zero Hora¹⁹. Na época morava cá em Santo Antonio e aí (...) Domingo aceitou. Manim²⁰, logo não aceitou. Rapaz; você acredita que no início das coisas, como eu estava na casa de Domingo, larguei Domingo um pouco e fui pra casa de Manim, porque Manim era o mais experiente e tinha que ter muito queixo para derrubar ele. Eu ia pra casa dele, na boca da noite. Quando eu chegava em casa, uma hora, duas horas da manhã, nós secávamos duas, três garrafas de café, mais conversando com ele. Eu colhendo as coisas da região de lá, e ele da região de cá: como era o cacique, como era a aldeia, como era FUNAI, e eu querendo saber se aquela terra de lá tinha título, quem era o dono, se tinha empresa por ali. Então nós trocamos muitas experiências em cima disso; eu explicando pra ele como era os nossos direitos dentro das leis, e ele falando

¹⁶ É um dos moradores mais velhos que existe no povoado de Santo Antônio.

¹⁷ Pajé da aldeia coroa Vermelha.

¹⁸ Irmãs de Álvaro Brito.

¹⁹ Apelido de Antônio Brito.

²⁰ Apelido de João Brito.

sobre as terras, como era, foi passado por fulano e por beltrano. Então nisso tudo, nós conversamos muito. Então lá vai, lá vai, e eu fiquei entre Manim e Domingo. Logo eu fiz uma casa, Orlim fez outra, e Josué outra. Aí nasceu minha filha Mariana, nasceu Cida, todo mundo começou ficar juntos.

Perguntado como era o meio de diversão entre os jovens na aldeia, o Sr. Ananias afirma que:

Logo de início criamos um campinho de bola. O pessoal do Guaiú ia brincar lá, o pessoal de Santo Antonio, os filhos de Manim que não sabia nem o que era bola, Zezão, compadre Gildo, Ave Maria! Rapaz, eles eram igual uma cancela, meu Deus. Fizemos um campinho pequeno, daqui a pouco estávamos jogando com bola de palha de banana. Tinha um rapaz chamado Carlos Martins, que morava do outro lado. Ele se chamava de dono daquela terra, e como ele já sabia que estava chegando muitos índios ali por perto, daí ele apareceu e disse: ah, rapaziada está jogando bola com capa de banana! Vou trazer uma bola pra vocês, quando eu vier! Aí começou a melhorar. Quando ele veio e trouxe uma bolinha de leite, foi uma alegria para os meninos, quer dizer, Josué, Mané Leite, eu mesmo, Orlim, fomos ensinando compadre Gildo, Gilberto, só Branco, que era um dos filhos de Domingo Brito, que nunca quis participar de nada, assim no futebol.

Figura 6

Jovens de Mata Medonha jogando bola, 2005.



Fonte: Acervo particular de Maria Eunice (Dona Dema)

Ao ser perguntado sobre a chegada da FUNAI em Mata Medonha, o senhor Ananias responde:

Quando eu cheguei para Mata Medonha em 1986, com poucos dias, chegou o pessoal da FUNAI. Nós estávamos trabalhando pra Manim, na época, na diária. Aí mandou nos chamar. Era a doutora Iza da FUNAI, e doutor Marcos, que era o presidente do INCRA, de Salvador, e um tal de Francisco, o motorista. Ela disse: vocês estão gostando daqui? Eu disse: sim. Então perguntou a seu Domingo como que é aqui. Seu Domingo não soube responder. Então falei: ali tem um cara mais experiente sobre isso, que sabe responder essas coisas. Fomos pra casa de Manim. Lá apresentamos Manim. Como ela era da FUNAI, fomos conversar em relação à terra. E aquela terra ali? Perguntou Iza ao Doutor Marcos, que estava junto com ela. Ele falou: Olha, aquela terra ali é de voluto. Aí Manim entrou: não! Ali tem Marconis, que disse que é dono, tem Jerônimo que disse que é dono, tem Valter Porto que se diz dono, e aqui em Belmonte tem mais dois. No fundo sei que representou sete donos, a conta do mentiroso. Marcos falou: é mesmo, mas, vocês gostaram daqui? Gostamos! Se aquela área ali for de voluto, nós podemos ir pra lá. E eu em cima mais Manim. Manim falou: rapaz, aqui tem uma medição antiga, mas eu não sei onde é que fica essa medição. Eu fiquei lá dezessete anos e nunca soube se era pra lá, ou se era pra cá. Quando pensa que não, eles apareceram lá de novo: é rapaz, não encontramos documentos dessa terra. Ninguém se diz dono não. Nós conversamos e descobrimos que teve pessoas que tomaram empréstimo no banco. Então achamos que é do banco.

Sabe o que acontece? Vamos ver quem é o dono disso aí. Eu chamei Domingo, finado Pacheco, foi também quando Israel chegou pra lá. Rapaz, vamos entrar aí, pra ver quem é o dono. Quem for o dono, vem nos embargar. Aí, eu comecei lá com cinco famílias, e fomos pra lá tinha dois porto ali onde é o campo, e o outro lá embaixo, onde Orlim morou. Fomos pra lá. Nós picamos o cacete, fazendo roça e depois fazemos uma farinha. Tinha uma embira gata²¹, grossa. Vamos derrubar, falamos. Uns vão traçando, outros vão pocando, e outros vão limpando e vamos botar uma roça, porque a roça chama mais atenção pra eles. E roça não tem como eles embargar. Então, eu fui a FUNAI e disse: eu quero uma ordem, como nós estamos entrando ali, e se parecer alguém lá, a gente manda vim pra cá. O cara pegou um papel, igual uma receita. Olha,

²¹ Espécie de árvore

leva e pode entrar na área lá. Quando vocês tiverem, e aparecer alguém dizendo que é dono, vocês apresenta essa nota, e mandam eles vim pra cá. Eu vim, cheguei cá, chamei os meninos. Vamos botar uma roça! Quando eles viram que nós tínhamos colocado uma roça, eles ficaram em cima.

Com três dias depois, eles vieram e meteram um rumo ali onde Piro mora, no rio, como quem diz: daqui pra lá eles trabalham, daqui pra cá não. E com esses detalhes que eu vinha dando pra Manim e Domingo, a doutora Iza com o pessoal da FUNAI, começou também ajudar nós. Eles falaram: então vamos fazer o seguinte: você vai ser o cacique se nós criarmos uma aldeia. Mas eu falei: eu não conheço aqui, a maneira da região, como é a terra. Ele falou: não, vamos fazer o seguinte: você fica como cacique e Domingo como vice. Mas, Domingo também quase não observava nada.

Como Maninho era o mais experiente, eu falei: tudo bem! E eu acatei. Aí, qualquer discussão que nós fazíamos, eu, Domingo, com maninho também no meio os três, eu fazia as perguntas pra Maninho de acordo, porque Domingo estava de lado observando tudo. Quando pensa que não, eu fiquei de cacique. Corria para um lado, corria para o outro, fomos começando buscar as coisinhas na FUNAI. Nós chegávamos lá com o carro cheio de feira, nós chegávamos com forno, com motor e muitas coisas. A mãe dos meninos só faltava bater em Domingo. Meus filhos, para que isso, rapaz! Você não tem dinheiro pra pagar isso! Para que você trouxe essas coisas, Domingo? E Domingo: minha mãe, isso é nosso! É o governo quem está dando pra nós. E ela sabia lá o que era governo, o que era órgão? Não sabia. E Domingo dizia: não minha mãe, nós não devemos nada, não! Isso é o governo quem está mandando pra nós! É o nosso direito! Ela respondia: que nada! Depois vocês vão ver. Depois vocês vão ter de pagar isso aí.

Maninho e domingo chegavam juntos lá, começava a explicar pra ela as coisas, até que ela foi concordando um pouquinho, porque coitada, não conhecia as coisas. Nunca tinha recebido uma agulha do governo, mas, morreu pensando que Maninho mais Domingo ia pagar o mundo e o fundo.

Nós começamos a andar, a FUNAI fez o levantamento de tudo, e os posseiros quando nos viram entrando para o lado de cá, começaram a botar uns caras lá em cima,

na divisa onde é a retomada hoje. Colocaram um cara com o nome de Anóquio²². Mas o cara tinha muita rede, pegava peixe e ia vender na rua. Aí falaram comigo: é, os caras colocaram um empregado lá em cima, e foi na época que tio Osvaldo mandou recado que queria ir pra lá também. Eu disse: então tá bom; eu e os meninos vamos lá botar esse cara pra fora. Foi eu, finado Pacheco, Domingo, Manim, Orlim, fomos lá. Quando chegamos lá chamamos: seu Anóquio! Eu vim aqui falar pro senhor o seguinte: você é empregado de quem? Ah! Ele ficou cortando conversa, e eu falei: Ó, se você quiser ganhar dinheiro deles, você vai ganhar dinheiro lá fora, porque essa área aqui não é mais dele. Você pode ir pra outro canto, porque eu quero que você desocupe essa casa, porque está vindo uma família de índio. Então eu quero logo. Logo ele disse: o senhor me dá uma semana, porque eu tenho minhas redes pelo rio, e tenho que juntar tudo. Eu falei: mas o senhor vai desocupar? Ele respondeu: vou.

Com quinze dias depois eu fui lá, a casa estava vazia. Ele veio cá, para um lugar chamado Chã. Ficou muito tempo morando lá, mas nunca ficou sendo meu inimigo. Às vezes, passava na casa dele, e fui levando a vida.

Perguntado sobre o meio de sobrevivência na aldeia, ele responde:

A sobrevivência em Mata Medonha era ótima, porque era tudo agreste, tudo fechado. Caça estava tudo encostado, o peixe estava aí! Você botava um surú²³, botava um jequiá²⁴, no outro dia você ia ver estava cheio de peixe, então você só comprava mesmo alguma coisa que às vezes você não tinha: o café e o açúcar, mas o resto, o feijão você plantava, colhia; o milho você plantava, colhia; a mandioca já é a tradição histórica do índio, a farinha, o beiju²⁵, tudo.

²² Nome do empregado do fazendeiro

²³ Armadilha feita de tala de piaçava para pegar peixe.

²⁴ Armadilha feita de cipó.

²⁵ Comida típica indígena feita com massa de mandioca.

Figura 7

Surú.



Fonte: Acervo particular de Moisés Ferreira (Kedxure Pataxó)

Figura 8

Jequiá



Fonte: Acervo particular de Moisés Ferreira (Kedxure Pataxó)

O povo só comprava mesmo alguma coisa que não tinha lá, e o resto, era muita fartura de peixe, caça, também que é sempre a luta do índio. Pai cansou de botar mundéu²⁶ ali dentro daquelas vagens ali, nos fundos da casa de Bezinha, aquele valão ali? Oh dó! Pai botou, parece que uns quatro mundéus ali; e todo dia ele ia lá buscar paca, tatu, ali dentro. Cada paca, que a bicha chegava ser pretona para cá, para fora. Ia lá, saía de manhã cedo, depois chegava com a paca nas costas. Na realidade, tudo, tudo que tinha antigamente, acabou. Era bom ali, era bom mesmo, viu! Peixe ali, oh dó, nós criamos a metade desses meninos com peixe. Micoca, Mariana, que nasceu lá. A primeira vez que nós fomos lá, nós arrumamos uma redinha, aí nós pocamos lá para cima. Na época em que chegamos para lá, o rio estava seco. Foi eu, Domingo, Orlim, Josué e o finado Pacheco. Corri até hoje da sucuiuba²⁷. Redando, correria. Rapaz, nós enchemos um saco de palha de arroz, de peixe, de corró e tudo. Maria era moça, ela jogou a metade fora, que ficou com preguiça de tratar o peixe. Aqui era lugar que a gente andava assim na Coroa, e tinha lugar que a gente tinha que embarcar na canoa para atravessar de um lado para outro.

Quando chegava a época da andata do caranguejo,²⁸ em Santo Antonio, descia quase quinze quilômetros de canoa até o mangue, porque também foi um meio de sobrevivência para o nosso povo. Nós Fazíamos aquela coleção de canoas e aquele tanto de índios descia o rio naquela maior alegria. Quando um dizia: vamos! Ninguém tinha preguiça de remar. Quando eu fui pra lá, levei uma canoa, que eu vivia de pesca em Barra Velha. Então fiz uma canoa muito grande. Quando eu cheguei lá com essa canoa, o pessoal falou: poxa, isso não é uma canoa, é um barco! Porque eu pescava com quatro pessoas no mar, passava a noite, porque as canoinhas deles eram todas bocas pequenas. A minha canoa era bem grande. Eu chamava Lurdes, chamava Zé, que era um menino maior, todos escabreados²⁹ vinham cá para o mangue. Comia caranguejo assado, comia caranguejo cozido, outros pegavam dois, três sacos. E era assim a nossa vivência. Tinham pouca gente, mais éramos felizes, mesmo com todas as dificuldades e com tudo para nós desistir de Mata Medonha.

²⁶ Armadilha feita de madeira.

²⁷ Cobra grande que tem no rio da aldeia (sucuri)

²⁸ Crustáceo que vive no mangue.

²⁹ Desconfiado.

Figura 9

Moradores de Mata Medonha esfolando um corço, para alimentação, ano 2014.



Fonte: Acervo particular de Moisés Ferreira (Kedxure Pataxó)

Perguntado sobre o trabalho coletivo na Mata Medonha ele responde:

Antigamente, você ia no mato, separava um pedaço de terra, media quatro, cinco tarefas de terra, e você vinha no terreiro, separava um ou dois porcos e deixavam ali, e você ia fazer um diagnóstico com o povo. Como o aviso é sair falando para as pessoas: ó fulano, eu vou fazer um batalhão e vou depender de você. Que dia é? Falava o dia e ficava tudo certo. E quando iam eram homens e mulheres. As mulheres, para a cozinha, e os homens para o trabalho com toda aquela força de vontade. O povão chegava correr suor mesmo! Chega torcer camisa ali no trabalho.

Figura 10

Índios de Mata Medonha pelando porco, 1997.



Fonte: Acervo particular de Nancyr Pereira

E hoje, meu irmão; acabou isso. Hoje temos muitos jovens em nossas aldeias que não querem mais seguir nossa tradição. Não quer isso não. Agora, quando bate uma bola no campo, aí você vê a turma embolar. Hoje Mata Medonha está pronto para receber qualquer tipo de projeto que a comunidade pensar. Se vocês puderem plantar tudo que for de fruta, e puxar um maquinário, pra assentar uma fábrica, pra exportar o que vocês têm plantado ali, já beneficiado, é melhor pra vocês, porque a terra não impede. Você pode chegar ali e dizer: eu quero fazer aqui. Quem manda ali é vocês, uma fábrica ou outra coisa qualquer, porque ninguém vai meter uma colher de ferrugem no que não é seu.

Passamos muito sofrimento, desde 1964, na chegada dos primeiros índios de Barra Velha, mesmo com todos os esforços das lideranças, Domingo e Maninho, e eu que fui um dos primeiros a conversar com essas pessoas e explicar sobre a existência de um órgão que poderia ajudar o nosso povo. Maninho e Domingo já sabiam, mas o que eles tinham vivido e passado em suas vidas, tinham esse receio de sofrer tudo de novo. Aí fomos saindo pra fora em busca de melhorias para desenvolver o lugar, que era na verdade isolado. E fomos crescendo. Me colocaram como cacique, e Domingo como

vice. Começamos a andar em 1986 e com muitas dificuldades, passando muitas vezes fome e noites perdidas sem dormir. Foi quando em 1988 deu-se início ao estudo da terra. E a partir daí, começamos a buscar outros meios de ajuda para que o nosso povo pudesse ter uma vida melhor.

Capítulo 3

Demarcação do território de Mata Medonha

José Oliveira Cerqueira, mais conhecido como Zé Lapa, filho de Maria de Lourdes Brito de Oliveira, além de agente de saúde e motorista da aldeia, também foi cacique de Mata Medonha.

Perguntado como foi dado o início da demarcação da aldeia Mata Medonha, o senhor José Lapa diz que:

(...) Desde 1964, quando chegaram as primeiras famílias para Analberta, que ainda não era conhecida como Mata Medonha, os primeiros moradores compraram esse pedaço de terra, e naquela época não existia limite como hoje. Depois da chegada de outras famílias em 1986, foi quando começou a luta pela demarcação do território de Mata Medonha. Depois de muitos anos passando por várias dificuldades, por causa da terra, pois como já havia muitas famílias ali habitando naquele lugar isolado, conseguimos vencer juntos com muito suor, muita determinação e força de vontade, foi que ganhamos a terra. Desde 1964 até 1988 em que a terra foi regularizada as pessoas moravam em Mata Medonha em um total abandono, onde muitas pessoas descreditavam nesse lugar. Falavam que era o fim do mundo, mas valeu a pena. Mata Medonha foi reconhecida como aldeia em 1988 e foi registrado e homologado um total de 421 hectares. Em 1993 foi reconhecida e publicada no diário oficial da união. Foi reconhecida como área indígena pela FUNAI e em 1993 foi registrada como Mata Medonha, terra que hoje é legalizada indígena e podemos dizer que a terra é nossa.

Figura 11

Documento de posse definitiva da terra indígena Pataxó Mata Medonha

SUAJ (C.E.A.)	DOCUMENTO: PORTARIA Nº 365/MJ/de 30.9.93
	ÁREA: MATA MEDONHA, área indígena
	FONTE: DOU
	SEÇÃO: 1
	DATA: 01.10.93
	PÁGINA: 14699

PORTARIA Nº 365, DE 30 DE SETEMBRO DE 1993

O Ministro de Estado DA JUSTIÇA, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no Decreto nº 11, de 18 de janeiro de 1991, combinado com o Decreto nº 22, de 04 de fevereiro de 1991 e diante da proposta apresentada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, objetivando a definição de limites da Área Indígena MATA MEDONHA, constante do Processo FUNAI/BSB/2172/93.

CONSIDERANDO que a Área Indígena MATA MEDONHA, localizada no Município de Santa Cruz Cabrália, Estado da Bahia, ficou caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena, nos termos do artigo 231 da Constituição Federal e do artigo 17 da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973;

CONSIDERANDO os termos do Parecer nº 003/CEA de 23 de abril de 1993 e Despacho do Presidente nº 19 /FUNAI de 31 de agosto de 1993, publicados no D.O.U de 03 de setembro de 1993;

CONSIDERANDO que a declaração de ocupação indígena e definição dos limites propostos visam assegurar apoio e proteção ao grupo indígena Pataxó, conforme determinações legais, resolve:

I - Declarar como de posse permanente indígena, para efeito de demarcação, a Área Indígena Mata Medonha, com superfície aproximada de 421 ha (quatrocentos e vinte e um hectares) e perímetro também aproximado de 9 km (nove quilômetros), assim delimitada: NORTE: Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 16°07'52"S e 39°01'02"Wgr., situado na margem esquerda do rio Braço do Norte, segue por linha reta de azimute e distância aproximados 90° e 2.300 metros até o Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 16°07'52"S e 39°00'18"Wgr., situado na cabeceira de um córrego sem denominação. LESTE: Do Ponto 02 segue pela margem direita, sentido jusante, do córrego sem denominação até o Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 16°08'50"S e 38°59'50"Wgr., situado na confluência com o Córrego Grande; daí, segue pela margem direita, sentido jusante do Córrego Grande até o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 16°09'15"S e 38°59'55"Wgr., situado na confluência com o Rio Braço do Norte; daí, segue pela margem direita sentido jusante do rio Braço do Norte até o Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 16°09'54"S e 38°59'17"Wgr., situado na confluência com o Rio Santo Antônio. SUL: Do Ponto 05 segue pela margem esquerda, sentido montante do Rio Santo Antônio até o Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas 16°09'30"S e 39°02'42"Wgr. OESTE: Do Ponto 06 segue por linha reta com azimute e distância aproximados de 330° e 1100 metros até o Ponto 07 início da presente descrição perimétrica.

II - Determinar que a FUNAI promova a demarcação administrativa da Área Indígena ora declarada, para posterior homologação pelo Presidente da República, nos termos do Artigo 19, § 1º, da Lei nº 6.001/73 e Artigo 9º do Decreto nº 22/91.

III - Proibir o ingresso, o trânsito e a permanência de pessoas ou grupos de não índios dentro do perímetro ora especificado, ressalvadas a presença e a ação de autoridades federais, bem como a de particulares especialmente autorizados, desde que sua atividade não seja nociva, inconveniente ou danosa à vida, aos bens e ao processo de assiguração dos indígenas.

IV - Esta Portaria entra em vigor a partir de sua publicação.

MAURÍCIO CORRÊA

Fonte: Acervo particular de Dona Isabel (Bezinha)

Hoje podemos pescar e plantar sem ninguém se intrometer em nosso lugar para impor ordem. Podemos dizer que esta luta foi dos velhos que aqui primeiramente viveram e vivem até hoje. Somos gratos a eles pela terra que hoje temos. Sem eles, a luta não teria final feliz como tivemos. Eles foram o alicerce para conseguirmos a

demarcação da terra através das lutas das lideranças, que queriam que esse lugar se tornasse uma aldeia.

Depois que o território de Mata Medonha foi demarcado e homologado foi que as coisas começaram a melhorar um pouco, porque até então o foco era mais a questão do território. Depois da conquista da terra, fomos formando várias famílias para ocupar o local da aldeia.

Figura 12

Índios marcando o limite de suas terras, 1993



Fonte: Acervo particular de Dona Isabel (Bezinha)

Quando veio demarcar a terra, quem fez os trabalhos foram os próprios índios, como a roçagem do rumo, entre outros. Já que o objetivo da terra foi alcançado, fomos em busca de outros recursos para desenvolver a aldeia e trazer benefícios para a comunidade, com prioridade para a educação, a saúde, sustentabilidade, cultura entre outros. Queríamos desenvolver a nossa aldeia para que pudéssemos ter uma vida melhor, mas para isso precisaríamos de ajuda de alguns órgãos para nos ajudar. Começando pela saúde e educação, que era a nossa maior precisão, pois as nossas crianças estavam na idade de estudar.

Capítulo 4

A chegada da escola em Mata Medonha

Genivaldo Ferreira de Oliveira; foi cacique da aldeia Mata Medonha, e um dos alunos da primeira escola. Pai de dois filhos, Genivaldo não concluiu os estudos e hoje é agricultor.

Perguntado sobre como foi a chegada da escola em Mata Medonha, ele diz que:

Antes de instalar a escola em Mata Medonha tudo se tornava mais difícil porque as pessoas viviam sem se preocupar na questão do estudo, até mesmo pela dificuldade do lugar. Antigamente, não existia escola porque era difícil conseguir estudar naquele tempo. Mas, com o passar dos anos, conseguimos fazer uma escolinha com muita dificuldade. A luta era grande, e o desejo de ver nossas crianças estudando era maior ainda.

Depois que a terra foi demarcada, foi feita a escolinha de tábua pela FUNAI, que foi a base da educação na aldeia, já que até então, não existia na aldeia criança alfabetizada. Esta escolinha funcionava também como farmácia, que era onde guardavam os medicamentos, e também tinha uma minibiblioteca.

Antes de ter feito a escolinha de tábua, as aulas eram dadas debaixo de árvores ou, quando um morador cedia a sua casa para que o professor pudesse dar aula, e à noite, a luz era à base de candeeiro, porque não existia energia elétrica.

Figura 13

Imagem da primeira escola de Mata Medonha, 1996.



Fonte: Acervo particular de Nancyr Pereira

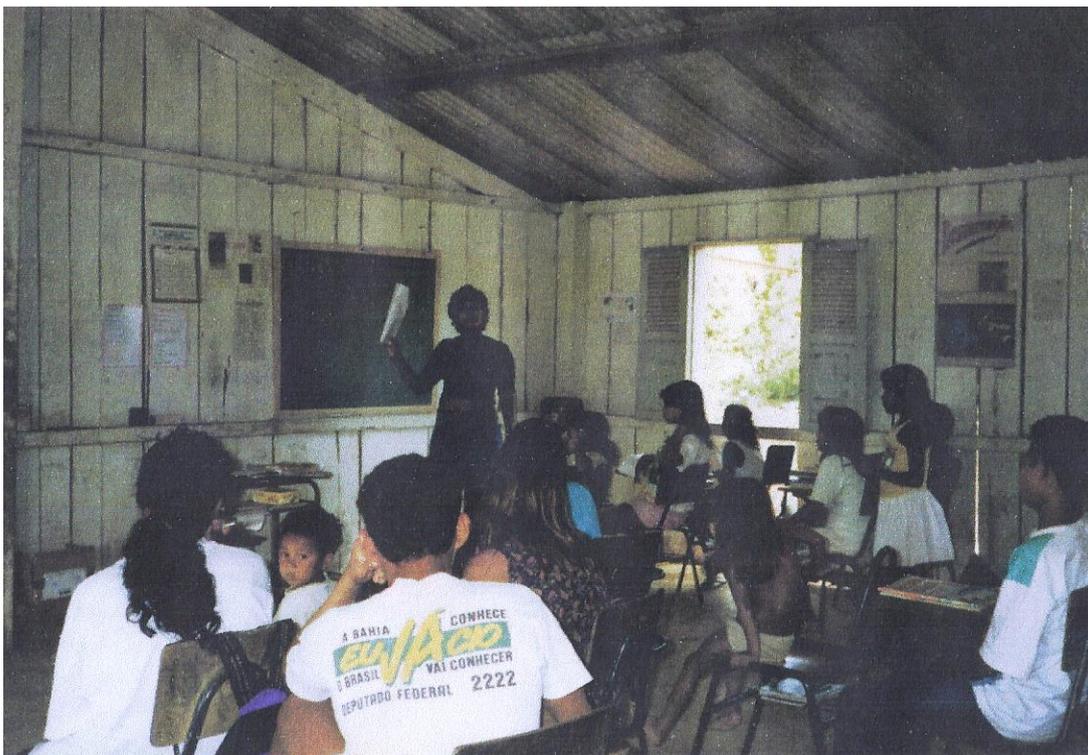
Depois da escolinha de tábua já feita, a nossa outra dificuldade foi conseguir um professor capacitado, para que pudesse dar aula às crianças, porque a pessoa que ensinava as crianças era um índio da aldeia, conhecido como Valnez Pinheiro da Conceição. Ele sabia só o básico, e ensinava as crianças apenas fazer o seu nome. Era um trabalho voluntário, pois não recebia nada. Alguns alunos, por falta de carteiras na escola, sentavam no chão para assistir a aula e muitas vezes nem material escolar tinha para estudar.

Foi então que a FUNAI indicou um casal de missionários Americanos que estava no Brasil da Missão Novas Tribos, que faziam trabalhos de evangelização nas aldeias, para que pudesse dar aulas. Seus nomes eram Hudson e Raíssa. Eles não são brasileiros. Então eles vieram e tanto trabalharam como professores, tanto como enfermeiros improvisados, porque quando alguém adoecia, eram eles os responsáveis

em aplicar uma injeção ou até mesmo receitar um medicamento para dor de cabeça ou febre. Eles trabalharam de 1988 a 1990, na aldeia alfabetizando tanto as crianças como os adultos. Depois que esse casal foi embora para a aldeia Barra Velha, veio outra professora, não indígena, chamada Pitucha, onde trabalhou por algum tempo. Depois veio Ana Maria, onde também não era indígena, mas pelas dificuldades e também por motivo de gravidez, teve que se ausentar, ficando como substituto o seu sobrinho Marco Polo. Depois de um tempo este foi embora. Então veio uma indígena da etnia Fulni-ô, de Pernambuco para dar aula, conhecida por Nancyr Pereira da Silva, trabalhando por algum tempo na aldeia. Depois ela foi embora, ficou em seu lugar a sua irmã Givânia Pereira da Silva. Depois que Givânia saiu, veio uma indígena da etnia pataxó hã- hã- hã, por nome de Helena, que era a sua cunhada, onde trabalhou até o ano de 2002.

Figura 14

Professora Nancy dando aula na primeira escola de Mata Medonha, 1990.



Fonte: Acervo particular de Nancyr Pereira

Figura 15

Imagem dos alunos de Mata Medonha, 1997



Fonte: Acervo particular de Nancyr Pereira

De 2002 para cá, como as coisas tinham melhorado um pouco, começaram a dar aulas Antônio Carlos Pinheiro da Conceição e Sinival Ferreira da Conceição, ambos indígenas e moradores da aldeia Mata Medonha.

Os alunos só podiam estudar até a 4ª série, foi quando a aldeia começou a desenvolver. Para dar continuidade nos estudos, os alunos dirigiam-se para o povoado de Santo Antonio, onde estudavam até a 8ª série, assim mesmo com muitas dificuldades, porque não tinham transporte para levá-los para o povoado. Então os alunos iam para o colégio de fusca, porque foi o primeiro transporte escolar que a prefeitura de Santa Cruz Cabrália colocou para carregar os alunos. Mas, para isso, eles precisavam andar três quilômetros a pé, passando em um brejo e depois atravessando o rio, já que não existia ponte.

Pouco tempo depois, o fusca não aguentou, e parou de transportar os alunos. Foi então que a FUNAI comprou algumas bicicletas para que os alunos pudessem ir para a escola, que ficava à quase treze quilômetros de distância da aldeia. Os alunos que estudavam de 5ª a 8ª série, ficavam em Santo Antonio mesmo. Mas, os que estavam cursando o ensino médio, tinham que chegar mais cedo em Santo Antonio para que pudessem pegar um ônibus e ir para Santa Cruz Cabralia, pois ainda não havia ensino médio em Santo Antonio.

Depois de muita luta, correndo risco de ser picados por cobras ou outros tipos de insetos, conseguiram uma Kombi para carregar os alunos. Mesmo assim, a Kombi não podia entrar na aldeia, porque além de não haver ponte sobre o rio, não havia estrada feita para que pudesse passar carro. Os alunos estudavam no turno da tarde e só chegavam à aldeia à noite, porque os alunos do ensino médio eram os últimos a chegar de Cabralia, e todos os alunos tinham que esperar.

Entre 2000 a 2001, com as cobranças das lideranças da aldeia, a prefeitura construiu uma sala de alvenaria em Mata Medonha onde funcionava até a 4ª série.

Figura 16

Segunda escola de Mata Medonha, construída no ano 2000



Fonte: Acervo particular de Moisés Ferreira (Kedxure Pataxó)

Como a quantidade de alunos foi aumentando, houve a necessidade de construir uma escola que pudesse atender todos os alunos. Com muitas cobranças das lideranças, foi aprovado um colégio para nossa aldeia com seis salas, mas foram feitas apenas duas, com três banheiros e uma cantina. Foi quando no ano de 2008 começaram a fazer o colégio, mas até os dias de hoje o colégio não foi terminado, e ainda ficou mal feito. Assim, como a comunidade precisava de um espaço, o jeito foi ocupar. Até aí, funcionava do pré ao 5º ano, antiga 4ª série.

Figura 17

Terceira, e atual, escola de Mata Medonha, construída em 2008.



Fonte: Acervo particular de Moisés Ferreira (Kedxure Pataxó)

Depois disso, as lideranças começaram a fazer a cobrança do projeto para a implantação do ensino fundamental II na aldeia, pois nossos alunos estavam sofrendo muito preconceito lá fora, no colégio dos brancos. E esse projeto era bem antigo. E com isso, as lideranças e toda a comunidade se sentiram motivados a cobrar o que era nosso

de direito, porque ou bom ou ruim, já tinha uma escola que daria suporte a todos os alunos, da educação infantil ao 9º ano.

Em 2012 o projeto foi aprovado e os alunos passaram a estudar na aldeia. Mas, para isso, foram feitas mais duas salas: uma para aula e outra para ser a secretaria da escola, pois até o momento não havia secretaria na aldeia, muito menos diretor. Foram feitos também mais dois banheiros.

Capítulo 5

Abertura da estrada

Mamédia dos Santos Ferreira, índia Pataxó de 51 anos e mãe de 13 filhos, nos contou durante a entrevista como foi a sua chegada em Mata Medonha. Segundo conta, ela veio morar em Mata Medonha por que seu pai, Pedro Mariano, conheceu Domingo Brito, que era cacique à época, e foi convidado para conhecer a aldeia. Foi então que ela veio, se casou e nunca mais voltou.

Perguntada sobre como foi o início da abertura da estrada, ela responde:

No início da coisa, a nossa rodagem era o rio, o nosso transporte era o barco. Assim que nós mudamos pro outro lado de lá, o CIMI³⁰ entrou junto com a gente. Ai viu todas as coisas: ah, não, vocês vão depender de um barco pra vocês sair daqui pra Coroa Vermelha. E liberaram um barco boca aberta, por nome juventude. Maninho viu aquilo e comprou um miudinho na mão de um cara. Maninho naquela época era o que tinha condições, era o que tomava empréstimo no banco. Aí formou dois. Depois, os caras vieram e tinham muito abacaxi, como Nego³¹ plantava muito abacaxi, e o pessoal do CIMI analisaram: eh, esse barquinho não vai dar em nada não. Tem que comprar um barco grande pra vocês andarem, venderem abacaxi e artesanatos. Aí foi que o CIMI fez um projeto e arrumou um barco grande por nome Maria Joana, um azulão. Então o primeiro transporte nosso, foi o barco, que antes disso era umas canoinhas que você embarcava; não sabia se assegurava ou não. A primeira estrada ali era o rio. Quando os alunos da aldeia começaram a estudar e os meus meninos no Santo Antonio passavam por uma pinguela³² de cá do pé da ladeira, até Israel³³. Tudo era água, aquele brejão. A meninada passava em cima da ponte e meu pai, compadre Zezé, minha mãe, vindo de Coroa Vermelha, passavam por cima dos paus; um segurando nas mãos dos outros pra não cair dentro do rio.

Nós andávamos naquelas canoas cheias de gente. Era o mesmo que estar dentro de um barco. Então vinham outras canoas atrás; as pequenas, às vezes mandávamos

³⁰ Conselho Indigenista Missionário

³¹ Nome de Osvaldo Chaves, filho de Álvaro Brito

³² Ponte feita de madeira roliça e tabua

³³ Liderança antiga que ajudou a lutar pela demarcação

descer na frente, porque se virassem quem ia atrás com a canoa grande dava socorro. Era assim, depois que nós chegamos pra cá, a coisa estava assim: uma coisa feia. Depois foi ficando bonito, principalmente na união.

Então, a nossa estrada era o rio, porque não tinha outra opção, e também porque a aldeia fica entre dois rios: norte e sul. Então, o rio era onde nós transportávamos nossas mercadorias, que levava para trocar ou até mesmo vender. Depois de muito tempo começamos a cortar caminho através de algumas estradinhas de chão que eram abertas à base de ferramentas, como facão e enxada, porque para ter acesso ao comércio pela estrada de chão, tinha que andar uns quinze quilômetros por onde era a Analberta, do outro lado do rio, onde surgiu a aldeia. Essa estradinha dava acesso ao povoado do Guaiú, e pelo outro lado, onde se concentra as famílias hoje, fica há vinte e oito quilômetros, que dá acesso ao povoado de Santo André.

Figura 18

Moradores de Mata Medonha abrindo estrada apenas com algumas ferramentas, ano 2004.



Fonte: Acervo particular de Dona Isabel (Bezinha)

Por muitos anos fizemos esse trajeto, e com isso o sofrimento ia aumentando na aldeia. Estávamos crescendo muito na questão da agricultura e não tinha como tirar para fora. Por isso começamos a se organizar. Depois de alguns anos, descobriram outro caminho que dava acesso ao povoado de Santo Antonio, que fica há doze quilômetros de distância da aldeia.

E nisso, como a escola já tinha chegado à aldeia, ajudou a melhorar o lugar. Os alunos começaram a estudar, e chegou um ponto em que eles precisavam estudar fora da aldeia, mas não tinha estrada que desse para passar carro. Tinha uma estradinha que passava pelo brejo todo dia. Era essa caminhada que eles faziam. Aí, o finado Maninho teve uma ideia de fazer uma estrada à base de enxada, mas no início ninguém abraçou a causa. Só depois de algum tempo que todos resolveram abraçar. Fizeram uma estradinha que cortava uma ladeira e chegava a um brejo e, logo depois tinha o rio do norte, que já tinha uma pinguela feita pelos próprios moradores, e que essa pinguela era a salvação do povo. Depois que chegamos a esse brejo, começamos a colocar madeira dentro do brejo e depois colocavam alguns entulhos de piaçava. Depois vinha colocando o barro por cima, e mesmo assim, a estrada não estava pronta, porque o barro que nós colocávamos não era o suficiente. Quando chovia alagava tudo, e nós tínhamos que atravessar de canoa.

Figura 19

Moradores de Mata Medonha no trabalho coletivo da estrada, ano 2005.



Fonte: Acervo particular de Dona Isabel (Bezinha)

Quando passava a chuva tínhamos que fazer todo o trabalho novamente. E nisso, se passando muito tempo, fizeram um projeto para construir uma ponte de cimento que iria ajudar bastante a comunidade. Em 2004 foi feita essa ponte e a partir daí começou a melhorar um pouco. Fizeram a ponte, mas, não fizeram o aterro. Deu no mesmo. Não passava carro. Foi outro trabalho para a comunidade fazer trabalho braçal novamente. Ainda bem que já tinha bastante trabalho adiantado. Foi quando o IBAMA apreendeu um trator de um fazendeiro que estava desmatando ao redor da aldeia e deixou preso na aldeia. Então a comunidade achou melhor usar a seu próprio benefício.

Então a comunidade resolveu utilizar esse trator para carregar madeiras e barro, para entulhar a estrada para que pudesse passar carro. Até porque o carro da FUNASA dava uma volta muito grande para chegar à rua, para levar alguém ao hospital, ou até mesmo fazer um exame. Então, através desse trator e com a ajuda de toda a comunidade, foi que conseguimos fazer a estrada; não tão boa, quanto queríamos, mas que já dava para passar carro, porque a ponte não era mais problema. Depois disso ficou mais fácil de vir gente da prefeitura ver a nossa situação. Foi então que chegou o tempo da política, onde um dos candidatos vendo a nossa situação mandou cortar uma das ladeiras que tinha na aldeia e melhorou a estrada até a ponte, para que o carro que

transportava os alunos para o povoado, pudesse entrar na aldeia para levar e trazer os alunos, sem que eles precisassem andar tanto para chegar até a ponte.

Hoje, nossas estradas encontram-se bem melhor do que antes, porque podem passar carros ou motos, sem dificuldades. A não ser quando chove muito, que dá enchente. Aí só passa a pé com a água até o pescoço ou então de canoa. Estas enchentes acontecem todos os anos e, quando acontece, ficamos ilhados, às vezes sem poder sair. Então, esperamos a água baixar para sairmos para resolver algumas coisas na rua.

Figura 20

Estrada alagada em época de enchente, em 2015.



Fonte: Acervo particular de Moisés Ferreira (Kedxure Pataxó)

É por esse motivo que os alunos perdem muitas aulas nos dias de hoje, às vezes correndo o risco de serem reprovados pelo número de faltas, ou até mesmo por não terem feitas as avaliações finais de cada trimestre, ou trabalhos propostos pelos professores.

Quando o nível da água não está muito alto, os alunos ainda faziam uma caminhada de mais ou menos dois quilômetros, atravessando o brejo de água e caminhando até uma ladeira, para embarcar no ônibus escolar para ir para a escola. E

quando o nível da água subia, os alunos não tinham como se deslocarem, porque, não dá mais para passar a pé, até porque a dificuldade maior é que as aulas dos alunos são à noite, e não tem como atravessar o brejo de canoa à noite, correndo risco de perder todo o material escolar. Sem dizer que a maioria dos alunos que estudam no Ensino Médio é adolescente, menores de dezoito anos.

Capítulo 6

A chegada da energia

Maria Isabel de Jesus, conhecida como Bezinha, é uma das primeiras moradoras de Mata Medonha. Ela é parteira e rezadeira e mãe de sete filhos. Foi casada com João Brito de Oliveira (Maninho).

Perguntada sobre como era Mata Medonha, quando ainda não existia energia, ela responde:

(...) Nós fazíamos candeeiro³⁴ com tecido de algodão e óleo diesel, para iluminar a noite toda, e fogueira de lenha ao redor da casa. Então a nossa luz era isso, umas velas pra quando acabava o óleo-diesel, e nós vivíamos na base da fogueira. A fogueira, nós fazíamos do lado de fora e queimava por dois, três dias. De dia puxava a lenha pra fora pra não queimar tudo, pois a noite acendia de novo quando não tinha o óleo-diesel, que era difícil de buscar na rua porque não tinha estrada. Nós fazíamos candeeiros enrolados com a torcida de algodão com mamona; nós pisávamos a mamona para tirar o óleo dela e aí nós fazíamos aquela torcida, ali iluminava a noite todinha. Vivíamos com isso tudo produzido por nós mesmos.

Antes da chegada da energia, eu já ouvi e contei muita história. Nós contávamos muitas histórias. Reunia aquele tanto de gente ao redor da fogueira, tudo para ouvir histórias, dar risadas até tarde da noite, até chegar o horário de dormir. Então a maioria das pessoas faziam suas fogueiras na frente de suas casas, e nós éramos felizes. Vivíamos felizes com nossas famílias, pois fazíamos fogueiras todas as noites para sentarmos juntos e contarmos histórias para nossos filhos e netos. Em cada casa que andasse na aldeia havia fogueira no terreiro.

³⁴ Espécie de lamparina feita de lata de óleo cerrado, com óleo diesel dentro.

Figura 21

Festejo de Cosme e Damião em 2003, quando ainda não existia energia elétrica.



Fonte: Acervo particular de Mamédia Ferreira

Quando não tinha energia aqui em Mata Medonha, era melhor do que hoje, em certos pontos. No meio de vida o nosso povo era mais unido, as pessoas era mais unida, se reunia nas casas de um ancião para conversar sobre suas histórias. Nós fazíamos fogueiras no terreiro para ouvir histórias e cantávamos roda. Os meninos dançavam o awê³⁵ e tinha outros tipos de brincadeiras nesse tempo. Havia muitas coisas que hoje já não tem mais, como as visitas nas noites com as fogueiras e aquela panelada de mingau de milho verde, manguzá ou até milho assado. Havia diversas brincadeiras, como esconde-esconde, pega-pega, entre outros e hoje já não existe mais. Sem falar que não eram somente as crianças que brincavam, mas sim os adultos junto com eles. Jogar verso³⁶ então...por esse lado era melhor do que hoje.

Juntávamos nós da comunidade, aquelas pessoas mais velhas e íamos para as casas dos outros vizinhos. Lá fazíamos aquelas fogueiras; uns iam contar histórias e outros iam dançar awê e ficavam até tarde da noite, os mais velhos com os mais novos.

³⁵ Dança indígena.

³⁶ Cantiga de roda com poesias.

Aí era a nossa vivência. Depois da energia pra cá, acabou tudo, porque você não vê as pessoas saindo de suas casas para ir até a casa do outro pra contar uma história e brincar um awê. Depois que apareceu a energia, muitos não querem nem sair de casa. Ficou mais difícil da comunidade se comunicar com os vizinhos. Só reunimos mais em tempos de festas. Mas como antigamente não tem mais. Depois da chegada da energia, você não vê mais ninguém falar: vamos lá na casa do parente à noite?

E os mais velhos foram morrendo e ficando os mais novos. Não acabou a cultura, mas deu um abalo. A gente sente falta que antigamente não tinham essas casas que temos hoje, era tudo de barro coberto de talbilha³⁷ e tudo bem. Com a chegada da energia, até as casas mudaram. É bem difícil a gente ver uma casa de barro hoje.

Figura 22

Casa de taipa de dona Mamédia, 2006.



Fonte: Acervo particular de Mamédia Ferreira

³⁷ Cobertura feita de madeira cerrada.

Perguntada sobre a chegada da energia em Mata Medonha, dona Isabel responde:

Antes da chegada da energia na aldeia, tinham um motor gerador que funcionava a óleo-diesel, mas não beneficiava toda comunidade. Depois de algum tempo ele não deu certo. Foi quando a FUNASA abriu um poço artesiano e colocaram uma bomba que funcionava a base do sol, através de placas solares. A bomba funcionou por algum tempo, mais não aguentava e quebrava direto. Como quebrava muito, a FUNASA colocou na aldeia um motor gerador para distribuir água para toda comunidade. Foi então que fizeram uma distribuição das placas solares para cada família, e a partir daí alguns indígenas passaram a ter acesso à energia. Muitos começaram a comprar aparelhos de som, mas como ninguém sabia instalar esses sons, queimava tudo. É que antes esses aparelhos funcionavam à base de pilhas. Então as lideranças começaram a cobrar a energia para a aldeia, mesmo com receio de alguns velhos que falava que se a energia chegasse para a comunidade ia prejudicar o povo na questão da cultura. Mas ninguém deu ouvido a eles e hoje estão sofrendo as consequências. Muitos sequer sabem nadar ou até mesmo caçar, porque antes da energia as crianças de até cinco anos de idade já sabiam nadar e hoje tem muitos jovens, com quinze anos nas costas, que se cair no rio pode até morrer afogado. Sem contar que muitos não sabem nem remar de canoa.

Foi então que depois de algum tempo, no ano de 2006, através do programa Luz para Todos, do governo federal, que fomos contemplados e hoje temos energia. Com a energia, hoje podemos ficar informados com as notícias do mundo através da televisão e da internet. Sem falar que hoje a nossa bomba é à base de energia e quando falta energia ficamos sem água. Na verdade, melhorou muito, porque hoje temos acesso ao celular para podermos falar com alguém muito distante ou até mesmo acessar a internet.

Apesar de a energia ter vindo numa boa hora, acabou afastando um pouco as pessoas por causa da televisão, onde as pessoas deixaram de fazer as fogueiras, compartilhar as histórias (como faziam antes) e até mesmo visitar o vizinho de vez em quando. Depois que a energia chegou à aldeia muita coisa mudou. Podemos dizer que desenvolveu bastante, como por exemplo, as mercearias que hoje tem, e que antes não tinham.

Hoje fica muito difícil sem a energia porque o povo está acostumado. Então sem ela fica muito ruim. Quando nós estamos com alguma coisa dentro da geladeira, se faltar energia nós podemos perder. É que antes era tudo no sol; nós salgávamos e colocávamos para secar no sol para não perder. Tudo era salgado. E hoje como tem energia se modificou tudo. E quando a energia falta a gente sente a diferença e hoje ninguém quer mais salgar uma carne. Quando nós matávamos uma caça era tudo muquiado³⁸. O que nós tínhamos de cozinhar na hora a gente cozinhava, e o outro era muquiado e guardado pra fazer o mângute³⁹.

Hoje, com a chegada da energia, ninguém quer mais ouvir sequer uma história que até serve de benefício para eles. Ninguém quer até parar para ouvir um conselho por parte dos mais velhos... Ninguém vem. Então é por causa disso que existe a desunião. Ninguém quer obedecer ninguém e a energia contribuiu bastante para o enfraquecimento cultural do nosso povo. Trouxe um lado positivo e mais ainda negativo. Então esse lado ruim tem que consertar, e a comunidade refletir sobre isso. Com a energia é bem difícil ver um parente na casa do outro. Ninguém se encontra mais a noite, não vai à casa do ancião visitar, até às vezes pode estar doente e as pessoas não vão lá mais. Por causa de quê? Por causa da energia. Porque você já tem uma televisão. Você vai é assistir e naquela época não. A gente sabia que as pessoas estavam doentes e a gente ia visitar a noite, já que durante o dia estava trabalhando na roça. Depois da energia ninguém vê mais isso; acabou até mesmo na convivência. Um ajudava o outro. Nós compartilhávamos mais as coisas de que hoje. Com a energia é bom, mas abalou a cultura do nosso povo. Com a chegada da energia o enfraquecimento cultural do nosso povo enfraqueceu bastante. Antes sem energia não reclamava de nada, hoje reclamamos de tudo. Quem podia comprar o querosene comprava, e quem não podia pedia àquelas pessoas que tinham trator. Quando as mulheres ganhavam dinheiro era noite toda, o candeeiro aceso e todos viviam acostumados. Ninguém ouvia reclamações de nada: ah, o candeeiro é ruim... Muitas vezes você chega na minha casa e nós vamos é assistir junto, e não vamos conversar nada, como era antes. A gente vivia bem, até gastava menos, porque quando nós íamos fazer compras trazíamos só o básico. Eu tenho saudade desse tempo.

³⁸ Assado no fumeiro, à base da queimadura do fogão a lenha.

³⁹ Comida na língua pataxó.

Figura 23

Jantar coletivo à noite na casa de dona Dema, 1999.



Fonte: Acervo particular de Maria Eunice (Dona Dema)

Considerações Finais

Conquistas, desafios e a “Retomada”

Sou Moisés Ferreira de Oliveira, indígena da etnia pataxó, nascido em 22 de agosto de 1988 e morador da aldeia Mata Medonha, no município de Santa Cruz Cabrália, sul da Bahia. Sou casado e tenho duas filhas: Ektxiamany e Nitxiuenã. Estudei na aldeia até o 5º ano e concluí os meus estudos no povoado de Santo Antônio, para onde eu ia e de onde eu voltava todos os dias. Dediquei-me aos estudos com a intenção de ajudar os meus pais, agricultores indígenas, e que eram analfabetos por falta de oportunidade para estudar. Estudei também por perceber a necessidade da comunidade em ter alguém com pelo menos o ensino médio completo e, assim, poder estar em sala de aula. Fui cacique da aldeia Mata Medonha entre o ano de 2011 a 2012 e atualmente sou uma das lideranças da aldeia. Em 2012 ingressei na Universidade de Minas Gerais, no curso de Línguas, Artes e Literatura.

Atualmente trabalho como professor da Escola Indígena Pataxó de Mata Medonha, onde ingressei no ano de 2009, permaneci por um período e precisei sair por questões burocráticas. Em 2012, quando foi implantado o fundamental II na aldeia, fiz o processo seletivo, passei e estou trabalhando até hoje na escola.

É deste ponto de vista indígena, e depois de ter revisitado toda a história indígena através da narrativa dos mais velhos, que escrevo as conclusões deste trabalho:

Revisar toda a história de Mata Medonha me faz refletir sobre o quanto os primeiros moradores lutaram para ver hoje a aldeia desenvolvida. A luta não foi fácil, pois, passar por sofrimentos quase todos os dias, visando o futuro dos seus filhos, sem ter nada em troca, realmente não é fácil. As primeiras famílias que chegaram aqui em Mata Medonha vivenciaram situações fortes, como o Fogo de 51, quando saíram refugiados de suas terras de origem para não morrerem. Saíram sem direção; um dia em

um lugar; outro dia no outro, sem ter a certeza de onde ficariam, já que estavam com medo de serem perseguidos novamente.

Foi possível perceber a história de uma família mudando, ao comprarem um pedaço de terra, fazer deste pedaço de terra uma área indígena e dar uma volta por cima, transformando esta terra em espaço onde vivem até hoje com seus familiares e parentes. Tudo isso não foi fácil, pois viveram praticamente isolados, tendo que criar seus filhos sem estudar, por falta de escola. Tiveram que carregar suas mercadorias em canoas, por não terem estrada para se deslocar. Tiveram que fazer serviço braçal para ralar mandioca, por não ter sequer um motor para ajudar no trabalho. Mesmo assim foram os braços desses guerreiros e guerreiras que abriram o caminho rumo ao desenvolvimento dessa comunidade tão sofrida. Foram estes braços, de pessoas de extrema importância para a comunidade, que remaram por muito tempo em busca das melhorias que hoje desfrutamos.

Apesar de toda a luta apresentada neste trabalho, essa família pioneira em Mata Medonha não é reconhecida por algumas pessoas na comunidade. Boa parte das pessoas, no entanto, sequer sabe o que é uma luta indígena. Moram na aldeia por morar, sendo que algumas delas vieram da cidade, onde as coisas são mais fáceis, mas não procuraram saber como foi criada a Aldeia Mata Medonha e sequer respeitam a história do lugar e as pessoas que deram seu sangue para defender nosso território. Hoje, além de defender o território e de combater as injustiças que vem acontecendo com os nossos parentes, também buscamos defender nossos direitos que estão sendo violados todos os dias.

A luta que a família Brito enfrentou no início, até se firmarem na terra, foi de muito sofrimento, por exemplo, quando Álvaro Brito relata que, na ocasião do falecimento de sua esposa durante trabalho de parto, teve que cuidar dos seus onze filhos sozinho. Ele pensou em desistir e depois voltou atrás, já que viu que sua permanência podia valer a pena.

Durante esse tempo de existência de Mata Medonha muitas lideranças, que lutaram para trazer o posto de saúde para a comunidade, já morreram abandonados por parte da FUNAI e FUNASA, hoje chamado SESAI. Nesta época as lideranças eram nosso porta- voz, já que, foram eles que ajudaram a fazer uma casa de taipa para colocar remédios e outras coisas em benefício de todos. Hoje temos muitas lideranças jovens

que não encontram conselho das lideranças mais velhas para ajudar a fortalecer sua comunidade, porque quando tinha essas lideranças eles nos ensinavam o caminho.

A nossa luta pela estrada, um sonho de todos, me faz lembrar de quando eu ia estudar no povoado de Santo Antônio a pé, tendo que atravessar um brejo e o rio do norte, por cima de uma pinguela, possibilitou que hoje a estrada tenha sido construída e agora é usada pelos índios de Mata Medonha para ir a cidade. Os índios não usam mais canoas como antigamente; usam moto, carro e bicicletas. Mas, por outro lado, a estrada se tornou perigosa, porque temos que passar nas terras de fazendeiros que também são usadas por desconhecidos, o que por vezes representa um caminho sem volta para nós indígenas. Hoje, o brejo que era só lama também passa carro e caminhão, o que chega a cobrir o índio de poeira ou nos expor ao perigo de ser atropelado.

Antigamente, o trabalho das lideranças era buscar o desenvolvimento para a aldeia e esse desenvolvimento chegou de uma maneira que ultrapassou a nossa realidade, ameaçando a cultura do nosso povo, que foi forte - o que nos enchiam de alegria. Atualmente, mesmo com as dificuldades, a cultura ainda é o nosso alimento, pela qual lutamos para fortalecer a cada dia. Depois desse tal de desenvolvimento a nossa comunidade passou a viver um tempo delicado onde é tudo limitado. O território em que nossos parentes caçam e pescam são rodeados de fazendeiros que só fazem desmatar. Os nossos dois rios norte e sul, não é mais frequentado só por nós.

Na época de implantar a energia em Mata Medonha o cacique Maninho disse que ela iria fazer um estrago na nossa aldeia, mas ninguém deu ouvido. Ele dizia que a energia ia separar o nosso povo e separou mesmo. Pensaram somente no lado bom, que era ter a energia em sua casa e viver feliz para sempre. Não pensaram no lado ruim, que é ficar afastado dos parentes, não pode fazer uma fogueira no terreiro ou não fazer um awê todos os finais de semana. Com isto não quero dizer que nós indígenas não merecemos a energia. Merecemos sim, mas precisamos utilizar bem, sem interferir em nossa cultura.

Depois da chegada da escola em nossa aldeia, como era o sonho dos primeiros moradores, muitas coisas passaram a melhorar. As lideranças que não sabiam fazer um documento por escrito pediam aos jovens para escrever. Vendo as dificuldades da sua comunidade, os jovens se motivavam para concluir seus estudos, mesmo passando por tantas dificuldades. Aos poucos, o acesso à escola foi melhorando e alguns jovens se

formaram e saíram da aldeia para estudar. Os pais desses jovens sonhavam que um dia veriam seus filhos estudando na cidade, e depois de um tempo esse sonho se tornou realidade.

Hoje, temos jovens que fazem faculdade em outro estado e as lideranças se alegram em saber que suas lutas não foram em vão, já que sabem que todo o conhecimento buscado fora da aldeia será repassado para a comunidade. Com isto já temos professores da própria comunidade, sonho também realizado. Por meio destes professores nossas crianças deixaram de estudar "na rua", onde sofriam com o preconceito e a discriminação, e passaram a estudar na aldeia, assim que conseguimos implantar o ensino fundamental II na aldeia.

Apesar dos avanços, nossa luta continua. Já que queremos implantar o Ensino Médio na comunidade, uma vez que os alunos mais velhos são obrigados a estudar à noite na cidade, correndo inúmeros riscos. Atualmente a implantação do Ensino Médio na comunidade não seria tão complicada, já que na aldeia já temos professores capacitados. A quantidade de alunos exigidos por turmas ainda se apresenta como um empecilho por parte das secretarias de educação.

Mesmo depois da demarcação da terra em 1988, uma parte ainda ficou sem demarcar, o que possibilitou ao fazendeiro continuar dentro da terra, destruindo tudo. Passado muitos anos, nós indígenas sempre questionávamos os motivos pelos quais ainda havia essa área para ser ocupada. Neste intervalo, o fazendeiro continuou devastando a área para fazer pastos para criação de gados, mesmo tendo consciência de que esta terra não era dele, já que na oportunidade em que ele comprou a terra de outro fazendeiro chamado Carlos Martins, o mesmo já sabia que era terra indígena. Tempos depois, um fazendeiro chamado Constantino, que se dizia dono da terra, a abandonou com alguns animais, deixando apenas um empregado. Mas, como o empregado também foi abandonado e precisava sustentar sua família, resolveu ir embora da terra, no ano 2002, deixando os animais morrendo por falta de cuidado.

Nesta ocasião, o cacique reuniu a comunidade e disse que iríamos retomar a terra que pertencia aos nossos parentes desde muitos tempos atrás. Assim, a comunidade, que já tinha vontade de retomar essa terra, abraçou a causa e marcou dia e hora para retomar a terra. Na manhã do dia 1º de abril de 2003 a comunidade entrou na terra. A partir daí a luta das lideranças para que essa área, que ainda hoje é utilizada para caça e pesca de

toda a comunidade e também para o plantio de feijão, mandioca, milho, entre outros, fosse demarcada recomeçou.

De 2003 até hoje muitos índios fizeram suas casas de taipa, e ali permaneceram. Vários liminares a favor do fazendeiro foram feitos, mas a FUNAI conseguiu interferir. A última liminar com reintegração de posse à favor do fazendeiro foi expedida em 26 de novembro de 2014, momento em que a comunidade foi surpreendida com um batalhão de polícias que vieram para massacrar o nosso povo. Esse dia ficou marcado para o povo de Mata Medonha como o dia da humilhação, onde muitas lideranças foram ameaçadas de prisão e ficaram indefesas diante de sua comunidade. Na ocasião, os mesmos não podiam falar nada; já que se falassem, sairiam dali dentro de um camburão da polícia. Naquela oportunidade, apareceram em nossa terra cerca de 200 policiais federais e militares acompanhando o fazendeiro. Uma tragédia só não aconteceu porque algumas lideranças, pensando nas crianças, idosos e gestantes, conseguiram acalmar a comunidade, já que se houvesse um confronto, com certeza, eles iriam matar os nossos parentes.

Com isto, fomos expulsos de nossa terra pela polícia e o fazendeiro e saímos muitos tristes e abalados. Muitos índios saíram chorando, por largarem suas casas, suas roças, onde viviam com seus filhos. Algumas famílias não tendo onde morar, ficaram debaixo de lonas morando por alguns dias.

Dezessete dias após nossa expulsão de nossa terra, o fazendeiro nem sequer apareceu. A terra ficou abandonada novamente. Então, vendo a situação dos parentes morando de baixo de lona, mesmo tendo suas casas em nossa terra, a comunidade resolveu retomar a terra em que hoje plantamos e colhemos para o nosso sustento. Essa área ainda não esta demarcada, mas é o sonho de todos que um dia seja realizado a demarcação, mesmo sabendo das dificuldades que ainda encontramos no dia-dia.

Durante esse tempo de luta para demarcar o nosso território algumas das lideranças que incentivavam a comunidade morreram, como o senhor João Brito de Oliveira, Israel Guedes, Pedro Pacheco. Apesar de não estarem entre nós, o que eles fizeram com certeza abriu um importante caminho para nosso futuro, para que hoje nossa comunidade estivesse bem. O senhor Álvaro Brito, o primeiro morador, encontra-se hoje em uma cama muito doente e não aguenta mais andar, por isto é muito triste falar sobre essa liderança, já que pra nós ele sempre será a nossa referência.

Espero que um dia todos esses massacres que já foram e ainda é feito com a minha comunidade seja feita justiça. O governo brasileiro, todos os dias faz vista grossa para a população indígena onde, nosso interesse fica sempre de lado, eles querem que nós indígenas sejam exterminados. Sabendo eles que esses povos foram os primeiros habitantes do Brasil.

A importância desse trabalho que foi feito busca esclarecer as lutas e conquistas para que um dia a comunidade tivesse uma educação diferenciada, saúde, moradia e sustentabilidade. Mesmo tendo tudo isso; não deixamos de lado as nossas raízes e tradições que fazem parte da vivência pataxó. Mesmo já adquiridas muitas coisas para a aldeia, a nossa tendência é de melhorar a cada dia.

Busco compreender os anciões da aldeia, que sempre foi e continua sendo referência para todos. Não importa onde estiver: na cidade ou na aldeia, serei índio do mesmo jeito, levando junto o nome da minha aldeia e do meu povo. A luta é como o tempo que não para. Pois o povo pataxó de Mata Medonha é persistente e resistente. Jamais esquecemos nossos costumes ou tradição, porque quando entramos numa luta é para ganhar. E como servimos de espelho para nossas crianças e futuros guerreiros, jamais fracassaremos diante delas. Muito pelo contrário, seremos diante delas pessoas fortes, para que jamais saibam o que é um fracasso. E que eles sempre saibam que o povo pataxó de Mata Medonha são guerreiros.

Referencias bibliográfica

BRASIL. Resumo do Relatório Circunstanciado de identificação da terra indígena Imbiriba. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 01 de agosto de 2002. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/644943/pg-30-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-01-08-2002> . Acesso em: 02 abr. 2016.

GERALDO, Moisés Ferreira. **Trajetórias identitárias de jovens negros a partir de coletivos culturais do conjunto habitacional Palmital/ Santa Luzia/MG**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

PRAXEDES, V. L., DA SILVA, A. F., DE SOUZA, A. X., DA SILVA, V. A., & GONZAGA, Y. **Memórias de Estudantes negros na UFMG**. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2006.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1999.